

Boletim Número 25**Data: Julho-Agosto/2004****EDITORIAL**

O vigésimo quinto número o Boletim do Programa de Estudos de América Latina e Caribe traz vários artigos dos membros da equipe do Programa. Demonstrando parte das reflexões que se desenvolvem no mesmo. A professora Silene Freire apresenta em breve artigo, organizado para a aula oferecida no curso: "América Latina em Debate", voltado para os alunos do Programa PROINICIAR da UERJ, reflexões sobre a morte/sobrevivência da América Latina nesse início de século XXI. Para a autora, várias foram as questões que apresentaram a nossa região para o mundo e marcaram a história da América Latina completando essa grande aventura no século XX que desembocou na virada liberal das duas últimas décadas do século e desta entrada do novo século. Entretanto, o século XXI se apresenta como um dos maiores desafios para o continente, pondo em cheque a sua própria sobrevivência com um mínimo de dignidade. Após mais de uma década de experiência neoliberal as sociedades latino-americanas se encontram frente a desafios e dilemas extremamente graves que clamam por soluções urgentes. Essa decadência que se estende a vários outros planos não pode ignorar que sobreviver no início desse século passa também pelo fortalecimento do Mercosul, diz a autora.

Em artigo de autoria das pesquisadoras Talita Freire e Verônica Calvente o leitor poderá encontrar algumas das várias questões que cercaram o suicídio de Getúlio Vargas, líder populista brasileiro cuja morte que completa esse ano 50 anos abalou toda região.

A vitória do presidente venezuelano Hugo Chávez no referendo do dia 15/08 entrou para história como o governo mais legítimo desde que a República nasceu. Embora a mídia burguesa insista em colocar sobre suspeita o referendo, a vitória de Chávez é inquestionável. O significado desse processo é abordado num artigo extraído do jornal Brasil de Fato, que aqui apresentamos. Na tentativa de ajudarmos na compreensão dos avanços, frustrações e desafios das esquerdas do continente na difícil caminhada rumo ao pós-neoliberalismo.

Além destes artigos, o leitor de nosso Boletim ficará por dentro dos seminários, Congressos e livros que estão sendo lançados nesse período. Mas uma vez, com o esforço de nossa equipe, sobretudo dos pesquisadores bolsistas: Talita Freire e Bruno Sayão Rosa, conseguimos manter nosso periódico, num contexto tão adverso, como o que estamos atravessando nas Universidades Públicas de nosso país, como também em muitos outros da América Latina. Mas, como concordamos com o filósofo comunista italiano Antonio Gramsci de que o pessimismo da razão deve guiar o otimismo da vontade, nossa vontade de colocar nosso Boletim na rua tem superado os limites/carências institucionais que atravessamos no atual contexto.

Silene de Moraes Freire

Em Foco I

A sobrevivência da América Latina no século XXI

*Silene de Moraes Freire**

Antes do século XXI pouco ou quase nada da América Latina tinha importância no mundo. Somente no começo do século passado, alguns grandes acontecimentos fizeram o mundo “descobrir” a América Latina e ela mesma se descobrir a si mesma. Quase todos os caminhos dessa descoberta foram repletos de conflitos. O primeiro deles, conforme mencionou Emir Sader (2002) foi o massacre da Escola Santa Maria de Iquique, no norte do Chile, em que milhares de trabalhadores mineiros foram fuzilados diretamente do navio em que estavam os “negociadores” do governo chileno diante da greve dos trabalhadores.

Não muito tempo depois o México também demonstrava que a América Latina não deveria ser ignorada no plano internacional. Foi nesse país que explodiu a maior revolução social do continente até então – a revolução mexicana, de Zapata e Pancho Villa, revolução que “deu a pauta dos movimentos populares durante meio século na América Latina, seu caráter nacionalista, agrário e antimperialista. Ainda na segunda década do século, em Córdoba, na Argentina, surgiu a primeira reforma universitária, um movimento que colocava o tema da democratização da educação e da incorporação do movimento estudantil às mobilizações sociais que viriam a se generalizar nas décadas seguintes” (Sader , idem).

As mudanças estruturais provocadas pela industrialização da região, apontavam que o novo século seria de revoluções e contra-revoluções. Foi o século em que países do continente protagonizaram um dos mais importantes movimentos históricos dentro do capitalismo – a industrialização de países da periferia, rompendo a dicotomia que identificava países ricos com a industrialização e países da periferia com economias agrárias. Foi também o “período do surgimento de projetos nacionais, de economias voltadas para o mercado interno, da construção de lideranças e de partidos populares com ideologias de raízes nacionais. Também de movimentos revolucionários na esteira da revolução mexicana, como a salvadorenha de Farabundo Martí, a nicaraguense de Augusto Cesar Sandino, a boliviana de 1952, até que eclodiu a mais importante de todas – a revolução cubana, de Fidel Castro e Che Guevara, no ano de 1959” (Sader, 2002).

As ditaduras dos países do Cone Sul também marcaram a história da América Latina completando essa grande aventura no século XX que desembocou na virada liberal das duas últimas décadas do século e desta entrada do novo século. A América Latina foi o laboratório privilegiado das experiências neoliberais no mundo. Sader tem razão quando observa que nunca um modelo se generalizou tanto no continente e nunca um modelo fracassou tão estrepitosamente na história do continente como o modelo neoliberal. Os resultados são fáceis de se encontrar se analisarmos os indicadores econômicos e sociais. Após mais de uma década de experiência neoliberal as sociedades latino-americanas se encontram frente a desafios e dilemas extremamente graves que clamam por soluções urgentes. Um dos maiores desafios é a questão da pobreza que cresceu de forma avassaladora na América Latina na década de 80 e nos anos 90 do século XX. Em documento preparatório para a terceira Conferência Regional sobre a Pobreza na América Latina, a CEPAL apresentou estudo, onde concluiu que, entre meados da década passada e início desta, a pobreza acentuou-se, especialmente nos países de maior tamanho econômico e populacional, como é o caso do Brasil, da Venezuela, da Argentina e do México. A severidade da pobreza na América Latina constitui uma questão cuja gravidade não pode ser ignorada. Até porque, como adverte Soares, pode-se constatar que a qualidade da pobreza nas últimas décadas também sofreu uma degradação. “Entre os pobres o setor que mais cresceu foi exatamente o dos “extremamente pobres”, que já são agora quase a metade de todos os pobres”(SOARES, idem).

Essa decadência que se estende a vários outros planos, como o da penetração da influência cultural norte-americana como nunca havia existido, mercantilização da vida e da mentalidade de amplos estratos da população, enfraquecimento dos projetos com raiz nos países e na realidade continental, violência cotidiana, desestruturação social e comunitária, empobrecimento da educação e da saúde públicas, crises generalizadas

e extensão do desalento e da baixa auto-estima, conforme registrou Sader, nos levam a perguntar se a América Latina nascida para o mundo no século XX, está morrendo para o mesmo nesse início de século?

Não por acaso a cada dia que passa fica mais claro que o Mercosul não pode ignorar a possibilidade de tornar-se a mais forte expressão de interesses locais, regionais e internacionais de sociedades que estão descobrindo que não é apenas censurável tentar uma saída individual, como é inviável frente a complexidade da situação econômica, social e política que caracteriza o mundo e o hemisfério americano no atual momento histórico.

Dentre os motivos que temos para consolidar o Mercosul, não podemos esquecer que na América Latina o grau de desigualdade e de desenvolvimento é o mais brutal possível. Po isso, sobreviver no início desse século passa também pelo fortalecimento do Mercosul.

*Professora Adjunta da FSS da UERJ, Coordenadora do PROEALC - CCS/UERJ

Em Foco II

Venezuela: Desafio agora, é combater a corrupção

Após a vitória no referendo de 15 de agosto, para o presidente venezuelano, Hugo Chávez, o próximo desafio é “aprofundar” a revolução bolivariana com reformas econômicas que possam garantir o acesso da maioria da população a serviços básicos como saúde, educação e moradia. Agora, com uma suposta trégua dos Estados Unidos que, embora tardiamente, reconheceram os resultados do referendo, e com uma oposição cada vez mais débil e isolada, o presidente tem força política e conta com o aparato de Estado para promover aquelas mudanças.

Mas o desafio não é simples. A começar por uma das principais tarefas a serem cumpridas, que é o combate à corrupção. “Lutar contra a corrupção é uma das consígnias desta nova etapa. Os líderes terão que se desprender de todo bem material. Nenhum governador ou ministro deverá fazer negócios, abrir poupanças, construir casas. Nada. Quem quiser fazer negócios, que vá para outro lugar”, afirmou Chávez no programa “Alô Presidente” do domingo, dia 21, onde também anunciou a alteração em dois ministérios. Jesse Chácon (ex-Comunicação e Informação) assume a pasta do Interior e Justiça, e cede lugar a Andrés Izarra, que assume um ministério considerado peça chave para o governo venezuelano.

TAREFA ÁRDUA

O chamado à “honestidade” feito pelo presidente é um dos principais problemas enfrentados pelo governo que, em cinco anos, não conseguiu reformar a estrutura do Estado, essencialmente burocrática e corrupta, para conseguir implementar e desenvolver seus programas sociais.

Com uma economia baseada essencialmente na exportação do petróleo (com status de quarto maior exportador mundial), o país sofre com a ausência de um parque industrial produtivo. Para 2004, a previsão é de um crescimento da ordem de 12%, talvez não o suficiente para minorar a situação dos 16% da população que está desempregada e mudar a situação dos 52% dos trabalhadores que estão na economia informal.

CONCILIAÇÃO?

A mudança de discurso de Albis Muñoz, presidenta da Fedecamaras (entidade patronal que reúne os principais grupos industriais do país), que participou do golpe de 11 de abril e da sabotagem empresarial no final de 2002, pode ser um indício de que os empresários estão dispostos a atender ao chamado do presidente para estabelecer um diálogo e amenizar os conflitos.

“Temos que pensar em reconstruir a Venezuela economicamente. Temos perdido espaço empresarial. O país requer novos postos de trabalho e estamos plenamente conscientes que só fortalecendo a empresa privada poderemos gerar estes novos empregos”, afirmou Albis em coletiva de imprensa, dias após o referendo.

Outra deficiência do país está no setor agrícola. Sem tradição de produção alimentar, nesses cinco anos, o governo tampouco conseguiu superar o déficit agrícola. “Temos avançado nos programas de desenvolvimento rural, mas ainda não conseguimos produzir a quantidade necessária de grãos e hortaliças. É um problema histórico”, analisa o vice-ministro de Desenvolvimento Rural, Leonardo Gill. Grande parte dos alimentos que os venezuelanos consomem é importada dos Estados Unidos, Colômbia e Argentina.

Fonte: Jornal Brasil de Fato

Espaço Aberto

50 Anos do Suicídio de Vargas: o mito não morreu

*Talita Freire Moreira e Verônica Massari Calvente**

Meio século atrás, um tiro no coração pôs o ponto final na trajetória do mais importante político da História brasileira. Protagonista de um tempo de transformação do Brasil numa nação industrializada, Getúlio Vargas suicidou-se no auge de uma crise política, na manhã da terça-feira 24 de agosto de 1954, mas deixou um legado que até hoje marca o país além da assinatura em empresas importantes para a economia nacional, como Petrobrás, Companhia Siderúrgica Nacional e Eletrobrás, todas criadas por ele.

Mito político que nasceu num suicídio, Getúlio Vargas deixou seguidores ao longo de sua trajetória e pelos anos afora. O pensamento e a figura de Vargas ainda geram controvérsias que se refletem na reforma trabalhista e na intensidade da presença do Estado na economia. Por toda a História brasileira contemporânea, Vargas morre e ressuscita, num vaivém que se mantém até os dias de hoje.

Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS), em 1882. Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (1907), elegeu-se pelo Partido Republicano Rio Grandense. Deputado Estadual, Deputado Federal e líder da bancada gaúcha, entre 1923 e 1926. Foi Ministro da Fazenda de Washington Luís (1926-27) e presidente do Rio Grande do Sul (1927-1930). Em 1929 candidatou-se à presidência da República na chapa oposicionista da Aliança Liberal. Derrotado, chefou o movimento revolucionário de 1930, através do qual assumiu em novembro deste mesmo ano o Governo Provisório (1930-34). Durante este período, Vargas deu início à estruturação do novo Estado, com a nomeação dos interventores para os governos estaduais, a implantação da justiça revolucionária, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e

Comércio e a promulgação das primeiras leis trabalhistas.

Durante o período em que governou constitucionalmente o país, cresceu a atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB), de inspiração fascista, e surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento polarizado pelo Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB). O fechamento da ANL, determinado por Getúlio Vargas, bem como a prisão de alguns de seus partidários, precipitaram as conspirações que levaram à Revolta Comunista de 1935, que eclodiu em novembro em Natal, Recife e no Rio de Janeiro.

Em 1937, preparavam-se as eleições presidenciais para janeiro de 1938, quando foi denunciado pelo governo a existência de um plano comunista, conhecido como Plano Cohen. Esta situação criou um clima favorável para a instauração do Estado Novo, que ocorreria em novembro deste ano.

Com a instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas determinou o fechamento do Congresso, outorgou uma nova Constituição, que lhe conferia o controle dos poderes Legislativo e Judiciário. No início do mês seguinte, Vargas assinou decreto determinando o fechamento dos partidos políticos, inclusive a AIB. Em 11 de maio de 1938, os integralistas insatisfeitos com o fechamento da AIB, invadiram o Palácio Guanabara, numa tentativa de deposição de Vargas. Esse episódio ficou conhecido como Levante Integralista.

Entre 1937 e 1945, duração do Estado Novo, Getúlio Vargas deu continuidade à estruturação do Estado, orientando-se cada vez mais para a intervenção estatal na economia e para o nacionalismo econômico. Foram criados nesse período o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Fábrica Nacional de Motores (FNM), entre outros.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, Vargas manteve um posicionamento neutro até 1941, quando da assinatura do acordo entre Brasil e Estados Unidos, pelo qual o governo norte-americano se comprometia a financiar a construção da primeira siderúrgica brasileira, em troca da permissão para a instalação de bases militares no Nordeste.

Com o término do conflito em 1945, as pressões em prol da redemocratização ficaram mais fortes, uma vez que o regime do Estado Novo não se coadunava com os princípios democráticos defendidos pelos países aliados durante todo o conflito. Apesar de algumas medidas tomadas, como a definição de uma data para as eleições, a anistia, a liberdade de organização partidária, e o compromisso de fazer eleger uma nova Assembléia Constituinte, Vargas foi deposto em 29 de outubro de 1945, por um movimento militar liderado por generais que compunham seu próprio ministério. Afastado do poder, Getúlio Vargas apoiou a candidatura do general Eurico Dutra, seu ex-ministro da Guerra, à presidência da República. Nas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte de 1946, Vargas foi eleito senador por dois estados: Rio Grande do Sul, na legenda do Partido Social Democrático (PSD), e São Paulo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Por esta legenda, foi também eleito representante na Câmara dos Deputados por sete estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Paraná. Assumindo seu mandato no Senado como representante gaúcho, Getúlio Vargas exerceu também a legislatura que se seguiu (1946-1949).

Candidato à presidência da República pelo PTB, em 1950, Getúlio Vargas elegeu-se e seu segundo período de governo foi marcado pela retomada da orientação nacionalista cuja expressão maior foi a luta para a implantação do monopólio estatal sobre o petróleo, com a criação da Petrobrás e pela progressiva radicalização política. Vargas enfrentava oposição cerrada por parte da UDN, em especial do jornalista Carlos Lacerda.

O atentado realizado contra Lacerda no início de agosto de 1954, no qual foi morto o major-aviador Rubem Florentino Vaz, detonou a crise final do governo, pelo envolvimento da guarda pessoal de Vargas no episódio. Para a investigação do que ficou conhecido como Atentado da Toneleros, foi instaurado um inquérito policial-militar, pelo Ministério da Aeronáutica. Pressionado pelas Forças Armadas, durante reunião ministerial realizada na madrugada de 23 para 24 de agosto, Vargas se viu confrontado com a eminência da renúncia ou deposição, e suicidou-se com um tiro no coração, deixando uma carta-testamento em que acusava os inimigos da nação como os responsáveis por seu suicídio.

Portanto, Getúlio Vargas foi o presidente mais amado pelo povo e mais odiado pelas elites, dizia Darcy Ribeiro. Trouxe o povo para a arena política, abolindo os currais eleitorais das oligarquias, que tinham a República como coisa sua. Mas, às elites, propiciou a acumulação de capital pela mão generosa do Estado. Entre o comunismo e o fascismo, preferiu uma ditadura à sua semelhança, o Estado Novo. Estado pai e patrão, criou os sindicatos, instituiu a carteira assinada, os direitos trabalhistas, o salário-mínimo, as políticas de educação e saúde. Para as elites, deu as bases da industrialização, a siderúrgica de Volta Redonda e a Vale do Rio Doce, privatizadas nos anos 90.

De volta ao poder pelo voto popular em 1950, acuado por uma crise política, Getúlio adiou o golpe militar com o tiro no peito. Sobreviveu de dez anos para a democracia e o projeto nacional-desenvolvimentista. Mas os militares de 64 consolidaram o Estado forte e intervencionista. O primeiro e o segundo presidente eleitos depois da redemocratização, sob o vento neoliberal, é que desmontaram a Era Vargas.

* Graduando da FSS e bolsista do PROEALC

** Graduando da FSS e bolsista do PROEALC

FONTE: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDoc) da Fundação Getúlio Vargas e jornal O GLOBO.

Agenda Acadêmica

• Campaña Continental contra el ALCA Boletín Informativo Campaña Continental contra el ALCA Viernes 22 de octubre 2004

- Ecuador: Jornadas de cara a quinta ronda del TLC
- Perú: Piden suspensión de negociaciones de los TLC
- Colombia: Marcha arrocera
- Brasil: "Paremos esta segunda colonización"-

Ecuador: Jornadas de cara a quinta ronda del TLC Desde el 25 hasta el 29 de octubre se reunirá en Guayaquil

la quinta ronda de negociaciones del TLC Estados Unidos - Ecuador, Colombia y Perú. Diversas organizaciones sociales y campesinas realizarán rondas ciudadanas paralelas en las que se discutirán temas como inversión extranjera y deuda externa, propiedad intelectual, biodiversidad y medio ambiente, así como las implicaciones jurídicas del TLC y su impacto en las ciudades, en la agricultura, el sector laboral, en los jóvenes, en la contratación pública. El lunes 25 habrá una sesión preparatoria del Acuerdo Nacional Ecuador Decide que promueve una consulta popular sobre el TLC. Todos los sectores confluirán en una marcha unitaria el miércoles 27 de octubre para impedir las negociaciones del TLC que se efectúan en secreto y a espaldas de los pueblos.

Perú: Piden suspensión de negociaciones de los TLC

El Comité Unitario Nacional de Gremios Agrarios (CUNGA) demandó al Gobierno la suspensión de las negociaciones de los tratados de libre comercio con Estados Unidos y el MERCOSUR. "No aceptamos y no aceptaremos ningún acuerdo internacional que no sea plenamente expresión de consideración y respeto de nuestros derechos a un trato libre, equitativo y justo. No aceptamos que los gremios agrarios seamos suplantados en las negociaciones", dice la organización en un comunicado.

Colombia: Marcha arrocera

Para el 19 de octubre estaba prevista la marcha de los productores arroceros hacia las capitales de los departamentos del Tolima, Huila y Meta. Los arroceros protestan por la baja del precio del cereal y por la inclusión del arroz en las negociaciones del TLC. La apertura de las importaciones de arroz de Estados Unidos, como han solicitado los industriales, llevaría a una larga agonía a los productores hasta desaparecer por completo.

Brasil: "Paremos esta segunda colonización"

Movimientos y organizaciones sociales de América del Sur reunidas en Sao Paulo, el 15 y 16 de octubre pasados, en el seminario internacional "Relaciones Unión Europea-América del Sur" rechazaron la agenda que se negocia actualmente entre los gobiernos del Cono Sur y la Unión Europea con miras a la firma de un acuerdo de "libre comercio" y se pronunciaron por fortalecer la integración de América del Sur. En el evento, se definieron algunas propuestas de acción como aumentar la presión y vigilancia sobre las transnacionales europeas, profundizar las alianzas con movimientos y organizaciones sociales europeas e iniciar una campaña de sensibilización bajo el lema: "paremos esta segunda colonización".

• IX Congreso de la Solar Sociedad Latinoamericana de estudios sobre América Latina y el Caribe.

TEMA: “a integração da diversidade racial e cultural do novo mundo”.

Data: 22 à 26 de novembro de 2004. Local: Campus da UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã/RJ. Nos dias 22, 24 e 26 das 19h às 22h haverá o “Festival da Raça Cósmica”.

• O PROEALC está oferecendo o curso “América Latina em debate”, todas as terças-feiras, das 15h às 17h, na RAV 94, 9º andar bloco F, ministrado pela Profª Dra. Silene de Moraes Freire.

Expediente

Reitor

Profª Nilcéia Freire

Vice-reitor

Profº Celso Pereira de Sá

Sub-reitor de Graduação

Profº Dr. Isac José Vasconcellos

Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

Profª Dra. Maria Andréa Loyola

Sub-reitor de Extensão e Cultura

Profº Dr. André Lázaro

Diretora do Centro de Ciências Sociais

Profª Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Coordenadora do PROEALC

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Editora Responsável

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistentes Editoriais

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)

Coordenação de Produção

Aline Silveira de Assis (FSS/UERJ), Bruno Jorge de

Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ), Douglas

Ribeiro Barboza (FSS/UERJ).

Colaboradores

Talita Freire Moreira (FSS/UERJ)

Verônica Massari Calvente (FSS/UERJ).

Projeto Gráfico

Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)

Diagramação

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)

Revisão

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira

(PROEALC/CCS/UERJ)